



MATERIALIZAÇÃO DA MEMÓRIA NO FAZER ARTÍSTICO: UMA ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DE LOUISE BOURGEOIS

Ana Maria Pupo Nascimento¹
PPGCINEAV, Unespar, Campus Curitiba II

RESUMO

O texto considera uma análise do fazer artístico de Louise Bourgeois, utilizando-se de exemplos visuais e de características que circundam o passado da artista, delineando as situações de sensibilidade e memória, pautando-se em uma visão tanto individual quanto coletiva. A análise de uma memória coletiva destaca a influência das interações sociais e culturais na formação das lembranças. Enquanto a memória individual, busca compreender a necessidade da materialização no processo de revisitar o passado. A contribuição teórica de Maurice Halbwachs é mencionada, destacando sua abordagem sociológica da memória coletiva, que dá base a essa análise.

PALAVRAS-CHAVE

Memória. Louise Bourgeois. Sensibilidade. Materialização. Halbwachs.

1. Análise do fazer artístico de Louise Bourgeois sob a lente da materialização da memória.

Através da instalação de Louise Bourgeois, observamos a relação entre a materialização da sensibilidade e a contribuição da memória, que engloba tanto a memória individual quanto a coletiva.



¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), campus de Curitiba II vinculado à linha de pesquisa (2) Processos de Criação no Cinema e nas Artes do Vídeo. Membro do grupo de pesquisa CineCriare Cinema: criação e reflexão (Unespar/PPG-CINEAV/CNPq). Pós graduanda em Antropologia Cultural (PUCPR). Graduada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Belas Artes do Paraná.
E-mail: anapupo0@gmail. com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6198230125234271>, Curitiba, PR.



Imagem 1. Bourgeois, Destruição do Pai, 1974.

Na obra "Destruição do Pai" encontramos um exemplo do fazer artístico que representa uma sequência de expressividades emocionais e psicológicas enfrentadas pela artista. Que utiliza-se nesse caso, a instalação como forma de materialização ao abordar temas relacionados à individualidade humana. Bourgeois concebe esta obra como uma manifestação visual de suas próprias experiências de depressão, transtornos de ansiedade e outros conflitos psicológicos. "É uma fantasia, mas às vezes a fantasia é vívida. (...) a lembrança era tão forte, o trabalho foi tanto, que me senti uma pessoa diferente. Modificou-me realmente" (Bourgeois, 1927)

A criação de um ambiente que se assemelha a um quarto para se referir ao pai, quase como um culto, mas ainda trazendo uma ambiguidade, onde podemos ainda encarar a instalação como uma forma positiva ao analisar o pertencimento do espaço, ao criar um altar, mas ao mesmo tempo, temos um título que sugere o contrário, talvez um culto para sacrificar a representação do pai na sua vida. Podemos relacionar diversas interpretações a essa produção, que vão desde o trauma de infância, das traições do pai, a necessidade de atenção de Bourgeois, que faz com que mantenha relações com o pai durante sua vida, ao mesmo tempo que carrega traumas provindos dele.

Essa compreensão ampliada da memória pode nos dar referencial ao pensar sobre uma possibilidade do fazer artístico na arte contemporânea, pensando a memória sensível como uma conexão íntima capaz de permitir que a criação artística seja uma forma de expressão e materialização desse sentimento, capaz de proporcionar uma experiência estética. A memória sensível, nesse contexto, refere-se à capacidade da arte de evocar lembranças sensoriais e emocionais no espectador, conectando-o com experiências passadas de forma intensa e significativa.

Louise Bourgeois, tem um trabalho inteiramente interligado as relações de memória, é possível retornar a sua história pessoal, para compreender de onde surge seu trabalho, pois a artista deixa uma diversidade de conteúdos, relatando seu processo artístico ao longo dos anos, é possível observar uma maturidade e uma definição muito bem construída ao ouvir Bourgeois falar sobre sua poética. Uma poética que surge através de experiências, que iniciam na infância e continuam amadurecendo ao decorrer de sua vida. Os acontecimentos vividos por Louise continuam os mesmos, mas as reflexões que os permeiam podem mudar de perspectiva ao longo da vida.

A infância de Louise Bourgeois é marcada por uma experiência de traição paterna, onde seu pai mantém relações extraconjugais por uma década com uma mulher que é apresentada à família como professora e reside na mesma casa. Esta experiência traumática é uma das motivações subjacentes em seu trabalho artístico, onde Bourgeois expressa emoções intensas, provindas de memória, como raiva e ressentimento, em relação à amante do pai. Essas vivências emocionais tornam-se uma fonte de inspiração para sua arte, impulsionando-a a criar e trabalhar.



Essa necessidade de compartilhar as emoções como um suporte, é um exemplo de como a materialização pode colaborar para trazer pautas sensíveis, como memórias com forte teor emocional, e experiências vividas, as quais a tradução em palavras não é suficiente para uma compreensão do acontecimento. Materializar de forma visual para que seja possível trazer essas questões que retratam o íntimo para um espaço de discussão e interpretação, permitindo que a experiência possa ser identificada para um coletivo, que possa gerar identificação com outras memórias, de espectadores, quais possam compartilhar dos mesmos sentimentos, sendo estes, tão abstratos, de maneira que não há uma tradução literal, mas que através da arte, essa tradução, possa ser visual. A artista, ao se unir emocionalmente com sua obra, sem separar a vida da arte, constrói na sua forma de fazer arte, um meio de materializar o intraduzível.

Ao buscar uma perspectiva teórica que abrangesse a memória com toda sua potência, me deparo com a perspectiva delineada por Maurice Halbwachs sobre a interação entre memória coletiva e individual, onde podemos examinar como essas experiências pessoais de Bourgeois são evocadas em suas obras de arte e como elas ressoam com memórias compartilhadas por outros. Suas esculturas e instalações frequentemente exploram temas de intimidade, trauma e relações familiares, tocando em memórias emocionais compartilhadas por muitos em contextos similares. A representação dessas experiências pessoais em suas obras permite que o público não apenas compreenda a história individual de Bourgeois, mas também evoca memórias coletivas que tratam desde sentimentos mais incomuns, até os que rondam questões como traição, abandono e conflito familiar.

Ao pensar a memória nesse âmbito pessoal mas que ressoa ao coletivo, os estudos realizados pelo pensador Maurice Halbwachs (1877-1945), um sociólogo francês que se dedicou ao estudo da memória coletiva, desenvolvendo uma abordagem teórica que fundamenta sua argumentação na ideia de que somente a memória coletiva é passível de existência. Suas teorias foram influenciadas pelas correntes de pensamento da sociologia de Émile Durkheim e pela filosofia de Henri Bergson, evidenciando a interdisciplinaridade presente em suas obras.

Através dos estudos de Halbwachs podemos verificar como a memória evidenciada no trabalho de Bourgeois, é uma construção de referências coletivas, uma memória que só poderia surgir através de experiências compartilhadas, contudo, é absorvida e mastigada pela artista, como se tomasse para si a memória, ao momento que se coloca como intermediadora, ao dar vida a memória, quando a materializa em um suporte real.

O processo de criação abordado por Bourgeois é capaz de demonstrar uma unificação emocional da artista com sua obra, que ao não separar a vida da arte, reflete a influência da teoria de Halbwachs sobre a relação entre memória e identidade. Sua necessidade de compartilhar emoções através de sua arte demonstra como as experiências individuais são moldadas e reinterpretadas diversas vezes, antes de alcançarem um estado de materialização, onde identificamos a experiência vivida transformada em prática artística. Ao integrar



essas perspectivas, podemos entender melhor como as memórias pessoais e sociais de Bourgeois são representadas e recebidas em seus trabalhos, destacando a interseção entre experiência individual, memória coletiva e expressão artística.

Nesse sentido, as relações familiares representadas nas obras de Bourgeois, como a traição do pai e as complexidades das dinâmicas familiares, não são apenas experiências pessoais isoladas, mas sim memórias que ressoam com outros indivíduos que compartilham contextos similares. A espiral, como símbolo recorrente nessas obras, pode ser entendida como uma metáfora para a maneira como essas memórias individuais se desdobram e se difundem através do coletivo.

Portanto, a criação da espiral como um elemento artístico em obras de Louise Bourgeois pode ser entendido como um exemplo de uma memória que se materializou e tomou um formato que pode exemplificar como as memórias individuais se entrelaçam com a memória coletiva, demonstrando como a artista insere uma representação de sentimentos abstratos e complexos através da imagem e então coloca à tona experiências relacionadas a sua sensibilidade, e fragilidade, que depois de compreendidas podem ser compartilhadas e reinterpretadas por outros.

A espiral é importante para mim. É uma torção. Quando criança, depois de lavar as tapeçarias no rio, eu as virava, torcia e tocava... Mais tarde, sonhava com a amante de meu pai. Eu faria isso em meus sonhos tocando seu pescoço. A espiral – eu amo a espiral – representa controle e liberdade. (Louise Bourgeois, 1994)

Essa citação da própria Louise Bourgeois, válida de certa forma as reflexões sobre a aplicação das teorias de Halbwachs, que afirmam que a memória está sempre em contato com o coletivo. Ao destacar como Bourgeois associa suas experiências pessoais à espiral em suas obras, podemos perceber como suas memórias individuais são influenciadas pelo contexto social e familiar mais amplo, o que as tornam em geral uma memória que é coletiva, e tem em alguns momentos uma interpretação individual. A espiral, nesse contexto, não é apenas um símbolo abstrato, mas sim uma expressão concreta das memórias de Bourgeois, que só puderam existir através da interferência com o coletivo.

É possível observar na citação uma lembrança muito clara, a transformação da memória do trabalho, se transformando em desenhos e esculturas contorcidas, o sentimento de raiva sendo materializado em obras que começam em 1950, onde os espirais começam a aparecer.



Imagem 2. Bourgeois, Estudo da Natureza, 1986.

A espiral também exhibe uma natureza de controlar o caos, onde desenrolar também pode causar um impacto, criando consequências ao adentrar os problemas, então o nó pode ser uma forma de manter o caos controlado. A figura familiar está sempre presente, como uma grande questão nunca resolvida, que é de tempos em tempos resgatada, voltando a se tornar um problema. Uma memória que é retocada, revivida, interpretada e entendida pela artista de novas maneiras de tempos em tempos, mas nunca excluída.

Graças a este desejo de dar presença física às suas memórias, a escultora vivencia novas experiências, cria simulacros da memória. Refaz a história da sua vida, das relações que mantém com o meio que a rodeia. Louise Bourgeois realiza exorcismos da história das suas relações pessoais através da forma, “como quem decide e se lava” de uma experiência dolorosa; faz com que o medo ou um ataque tome forma para que ela possa conviver com a sua fisicalidade, já que na vida real ela é um “ratinho escondido”. (Ferreira, 2014)

Louise Bourgeois, tem em sua maioria obras relacionadas principalmente a seu pai e sua mãe, de forma bem conflituosa, de forma dificilmente descritiva, onde os sentimentos se tornam evidentes, por sua rotatividade, e pela incerteza da artista, como uma luta de emoções, que apenas se traduzem a partir da materialização da dor. É como se fosse a dor e a confusão de sentimentos que alimentam o repertório de construções da artista, é a memória criada com a experiência, revivida pela artista tantas vezes, que nascem dela, uma grande quantidade de interpretações e traduções da memória do acontecimento.

Em minha escultura não é uma imagem que busco, não é uma ideia. Meu objetivo é reviver uma antiga emoção. Minha arte é um exorcismo [...] A escultura me permite reexperimentar o medo, dar-lhe um caráter físico, a fim de poder atacá-lo. Hoje digo em



minha escultura o que antes não compreendia. Ela me permite reviver o passado, vê-lo em suas proporções realistas e objetivas (Louise Bourgeois, 2000)

A citação de Louise Bourgeois, onde ela descreve sua busca por reviver antigas emoções e a função de exorcismo de sua arte, complementa a reflexão anterior sobre a presença da espiral em suas obras. Bourgeois revela como sua escultura não é apenas uma representação visual, mas sim um meio de reviver e confrontar emocionalmente seu passado. Ao relacionar suas obras com experiências emocionais profundas, como o medo e o trauma, Bourgeois demonstra novamente como sua arte é uma forma de materialização visceral de suas memórias pessoais.

A partir disso podemos compreender como é importante ressaltar que a interação com indivíduos que tenham cruzado o caminho de uma pessoa podem deixar influências que, por sua vez, afetam o processo de armazenamento da memória individual, podendo transformá-la gradualmente em memória coletiva. Ao considerar a memória não apenas como um processo individual, mas também como um fenômeno socialmente construído, Halbwachs ressalta sua dimensão coletiva. Isso implica reconhecer que nossas recordações são influenciadas pelas interações sociais, pelos valores culturais compartilhados e pelas estruturas sociais em que estamos inseridos.

Após essa breve análise, vemos a importância de pensar os diferentes pontos de partida do processo de criação na arte, e como no caso de Louise Bourgeois, podemos compreender melhor suas produções ao visualizá-las a partir da lente da memória, relacionando como as experiências de vida podem nos moldar com o tempo, e como a sensibilidade da vida, que muitas vezes é deixada de lado, é um ponto que no fundo acaba por nos guiar em nossas decisões e reflexões, e compreender e acolher essa memória sensível, é permitir-se olhar para si mesmo, dando espaço para evoluir.



Referências

BOURGEOIS, Louise. **Destruição do pai, reconstrução do pai: escritos e entrevistas, 1923-1997**. Edição e textos de Marie-Laure Bernardac e Hans-Ulrich Obrist. Trad. Álvaro Machado e Luiz Roberto Mendes Alves. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

Louise Bourgeois: uma vida que entrou para história da arte. Disponível em <<http://iberecamargo.org.br/louise-bourgeois-uma-vida-que-entrou-para-historia-da-arte/>>.

RIVERA, T. **Nota sobre as fabulações psicanalíticas de Louise Bourgeois**. Trivium, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 126–129, 1 dez. 2011.

TATE. **Louise Bourgeois – “I Transform Hate Into Love”** | TateShots, 9 jun. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qy7xJhlmnLw>>.

TATE. **The Art of Louise Bourgeois – Look Closer** | Tate. Disponível em <<https://www.tate.org.uk/art/artists/louise-bourgeois-2351/art-louise-bourgeois>>.

FERREIRA, Raquel Sofia Faria Terenas da Silva. **O trabalho autobiográfico de Louise Bourgeois e o discurso autobiográfico filosófico**. 2014. 56 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2014.

VALLS, Anelise. **A estrutura do trauma na estética de Louise Bourgeois**: Cell (Choisy) (1990-3). PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais, Porto Alegre, RS, v. 26, n. 45, ago. 2021. ISSN 2179-8001.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

MATOS, Priscila de; SCORTEGAGNA, Paulo Ernesto. **Poética e Memória: Objetos-Lembrança, Afetividade e Identidade**. Conhecimento Online, Novo Hamburgo, v. 2, n. 1, out. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.25112/rco.v2i0>.